

7. Extensión Universitaria

História da Linguística brasileira nas entrelinhas: uma proposta de curso de extensão para divulgação de seus “outros personagens”

Conti, Tamires; Baronas, Roberto (orientador)

tamy_bonani@hotmail.com; baronas@uol.com.br

Universidade Federal de São Carlos

Resumen

Este trabalho se propõe a pensar em uma proposta para um projeto de Extensão Universitária, cujo conteúdo do curso versaria sobre a História da Linguística brasileira a partir de personagens históricos “esquecidos”, apesar de sua significativa contribuição para a área, em detrimento de outros mais consagrados. Este projeto brasileiro pretende trazer à luz um sem-número de relações entre os caminhos da ciência no Brasil, os projetos de formação de uma ciência nacional e os atores sociais que fizeram a escrita dessas histórias científicas, algo que, em última instância, poderá contribuir fortemente para a compreensão epistemológica da ciência nas terras pindoramas. A propósito da história das epistemologias científicas brasileiras, um dos domínios mais descobertos de compreensão, sobretudo aos olhos da pertinência social, é o da Linguística. Assim, este trabalho, genericamente, visa divulgar um levantamento biográfico e genealógico, no sentido de saberes discursivos, acerca dos principais estudiosos da linguagem brasileiros, especificamente do fim do Século XIX até anos 40 do Século XX, de modo que esses estudos sejam visíveis à toda sociedade, especialmente a acadêmica, para mostrar a importância desses trabalhos para o desenvolvimento social do Brasil. Teoricamente fundamentados em uma escrita de história balizada na narrativa dos acontecimentos discursivos (GUILHAUMOU, 2009), citamos, por exemplo, uma das personagens-chave para a compreensão histórica dos estudos de linguagem no Brasil: Amadeu Amaral, um linguista dialetologista que, mesmo à margem dos formalismos acadêmicos, mas à frente de seu tempo, fez pesquisas bastante profícuas e sistematizou um dos falares mais característicos do Brasil: o dialeto caipira.

Palabras clave: História da Linguística, Linguística Brasileira, Narrativa dos Acontecimentos Discursivos.

Introducción

Na revista *Pesquisa Fapesp*, número 249, de novembro de 2016, há uma reportagem sobre um projeto de compreensão e conhecimento científico em processo no Brasil em que se busca a chamada "Genealogia Acadêmica". Este grande projeto, que integrará as várias plataformas de apreensão do conhecimento científico brasileiro, visa estabelecer uma espécie de genealogia teórica da ciência brasileira. Ao se acessar tal plataforma, será possível reconstituir a ligação teórica entre orientadores e orientandos, bem como os domínios epistemológicos que os unem. Ou seja, esse grande projeto científico pretende estabelecer os vínculos entre gerações de pesquisadores, nas formações acadêmicas e profissionais dos cientistas e as teorias. Esta iniciativa já encontra respaldo e saber-fazer em outros países, como nos projetos Mathematics Genealogy Project e o Neurotree Project, os quais permitem, respectivamente, mapear as ligações teóricas entre orientandos e orientadores de pesquisas nos domínios epistemológicos da Matemática e da Neurociência.

De suma importância, este projeto brasileiro – que se pretende mais amplo que os supracitados internacionais, dadas as características da acumulação de dados científicos no Brasil, com suas plataformas de captação – pode trazer à luz um sem-número de relações entre os

caminhos da ciência no Brasil, os projetos de formação de uma ciência nacional e os atores sociais que fizeram a escrita dessas histórias científicas. Algo que, em última instância, poderá contribuir fortemente para a compreensão epistemológica da ciência nas terras pindoramas.

Todavia, a propósito da história das epistemologias científicas brasileiras, um dos domínios mais descobertos de compreensão, sobretudo aos olhos da pertinência social, é o da Linguística. De formação de cátedras, programas de pesquisa e pós-graduação, graduação recentes (anos 1950 em diante), o conhecimento da Linguística carece de uma maior acuidade no tratamento de seus dados biográficos, genealógicos e seus processos históricos de formação, sobretudo dos estudos do Século XIX até os anos 1940.

Ressalta-se que genealogia, aqui, entende-se como algo não somente ligado aos rastros genealógicos, mas, sim, à uma compreensão foucaultiana de genealogia, a qual trata de eixos distintos de conhecimento: primeiro, as opiniões e teorias dissidentes que não se tornaram as crenças estabelecidas e amplamente reconhecidas e, em segundo lugar, as crenças e entendimentos locais (pensa-se no que os enfermeiros sabem sobre a medicina e que não alcança o poder e reconhecimento geral por não serem, em última instância, os sujeitos autorizados a

dizer o verdadeiro conhecimento sobre medicina). A genealogia está preocupada em trazer esses dois saberes e as batalhas discursivas que os faz passar para os outros discursos e conhecimentos, para a luz do dia, para o verdadeiro de uma época. Em última instância, a genealogia não pretende ser mais verdadeira do que o conhecimento institucionalizado, mas simplesmente a parte perdida do enigma, admitindo interesses políticos e polêmicos que motivam a escrita da história (FOUCAULT, 2008; 1996).

Assim o sendo, se há ainda um pouco de conhecimento e divulgação nos dias atuais, nenhum projeto de genealogia poderia captar completa e corretamente os dados biográficos genealógicos desse campo de saber se houver algumas lacunas.

É, portanto, nesse mote da escrita da história determinando a narrativa dos acontecimentos, inclusive do saber científico, que se constitui a cerne deste trabalho. De maneira ampla, este trabalho visa construir, compreender e compilar um levantamento biográfico e genealógico acerca dos principais estudiosos da linguagem brasileiros que cobrem, cronologicamente, do fim do Século XIX até anos 40 do Século XX, de modo que esses estudos sejam colocados em circulação e que sejam visíveis à toda sociedade contemporânea, principalmente para mostrar a importância desses

trabalhos para o desenvolvimento social do Brasil, fundamentados em uma escrita de história das biografias e genealogias discursivas um pouco "esquecidas".

Para tanto, balizaremos nossa pesquisa desse pedaço perdido dos estudos linguísticos e culturais brasileiros a partir de um conceito de teoria discursiva de narrativa dos acontecimentos discursivos (GUILHAUMOU, 2009) – o qual explicitaremos adiante –, analisando e compreendendo como as personagens mais obliteradas da história científica da linguística no Brasil possuem pesquisas e trabalhos consistentes e pertinentes para os atuais estudos acadêmicos, levando-os também em conta em uma árvore genealógica da ciência brasileira.

Objetivos

Este trabalho, de maneira ampla, visa construir, compreender e compilar um projeto de extensão a partir da realização de um levantamento biográfico e genealógico, no sentido de saberes discursivos, acerca dos principais estudiosos da linguagem brasileiros que cobrem, cronologicamente, do fim do Século XIX até anos 40 do Século XX, de modo que esses estudos sejam colocados em circulação e que sejam visíveis a toda sociedade contemporânea, principalmente para mostrar a importância desses trabalhos para o desenvolvimento social

do Brasil a partir de uma narrativa do acontecimento.

Materiales y Métodos

Em razão de nossos *corpora* serem basicamente textos para pesquisa e análise, há necessidade de explicitar e lidar com formas de compreensão de texto, de natureza estritamente textual, no sentido físico, algo que em diversas teorias linguísticas requer reflexões e debates, algo que as teorias de discurso não estão imunes. Portanto, para proceder com a pesquisa em cima de texto, é preciso explicitarmos um pouco melhor a nossa compreensão de método e metodologia a lidar com essa forma de manifestação da linguagem na escrita.

Mainueneau (2010) afirma que se pode dizer que textos, atualmente, são a base de referência para diversas pessoas e distintos meios compreenderem os fenômenos de linguagem, sejam eles quais forem. Mais ainda: “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos” (2010, p. 9).

Mas não somente isso: textos, por seu turno, remetem a gêneros de discurso, que são conceitos que se desenvolvem como quadros de referência para toda a comunicação pensável numa dada formação sócio-histórica, sendo que a própria conceituação de “gênero do

discurso” é utilizada para atividades como o registro de nascimento, o debate televisivo, a conversação, entre outros.

Entretanto, não é tranquilo asseverar que textos são unidades básicas de estudo, principalmente quando nos dispomos a investigar práticas discursivas de saberes científicos, campo de discursos constitutivos, em que os textos se dão em regularidades, por isso, uma própria forma de dispersão desse campo discursivo. O texto na ciência é

(...) encarado como *texto-produto*, em que o texto é apreendido como traço de uma atividade discursiva – oral, escrita, visual – relacionado a dispositivos de comunicação, a gêneros de discurso: desde os mais elementares (uma etiqueta numa mercadoria) às mais complexas (um romance). (MAINGUENEAU, 2015, p. 37).

Procederemos, assim, na compreensão de que, em que medida, a publicação destas obras contribuiu para a emergência e legitimação de um saber científico no que tange aos estudos da linguagem na geografia brasileira, algo que, trazido à luz, neste momento, confrontaria a ordem discursiva logicamente estabelecida, uma vez que a princípio são pouco estudados e, por vezes, obliterados da história da nossa ciência da linguagem. Ou seja, temos de apreender um tipo de discurso tópicos perpassando os meios sociais e acadêmicos.

Dessa maneira, ao horizonte também se colocam questões difíceis de lidar, como a operacionalização desses materiais de análise para constituição dos *corpora* analíticos. Dessa forma, o norte condutor para esse quesito metodologia dos *corpora* segue as premissas de ler, descrever e interpretar. Esse processo é bastante bem abordado por Michel Pêcheux (2008).

Para nos explicitar esse procedimento, nos diz o filósofo que lançou a "pedra angular" da teoria do discurso na França que a apreensão do próprio da língua se dá não somente pelos elementos lógicos ou elementos frásticos da língua, mas também por aquilo que lhe é próprio, um real de condição de existência, algo que exista tanto no plano material quanto no plano simbólico e que, muitas vezes, escapa a toda tentativa de torná-lo [este real e próprio da língua em algo logicamente estabilizado]. E para dessa forma proceder:

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela não se instala: o real da língua. (...) Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos

linguistas como condição de existência (princípio), sob forma de existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan. (PÊCHEUX, 2008, p. 50)

Como vemos na citação, é dessa característica inescapável da língua, existir no material e no simbólico, que a questão do descrever e do interpretar como uma abordagem discursiva dos objetos nos acontecimentos se faz crucial ao trabalho de pesquisa em análise do discurso. A busca do analisa de discurso em objetos que orbitem nos limites do que, convencionalmente, coloca-se como logicamente estabilizado, faz-se pertinente e necessária a encontrar o que também se encontra nesse próprio limite: os equívocos, as falhas, as rupturas, os *nonsense*, os chistes, as metáforas, as metonímias, as faltas de representações de personagens e teorias científicas, como ora faz a literatura de estudos da linguagem entre século XIX e 1940, objeto no qual nos debruçamos, por exemplo.

Busca-se a compreensão de outros discursos, elementos linguísticos, imagens, narrativas, sujeitos, códigos, gêneros, sentidos, que circulam na história social, ou seja, que já estão lá em alguma medida, para descrevê-los e interpretá-los a partir de filiações identificadoras, como redes de memórias sócio-históricas, no momento presente ao fato analisado dos acontecimentos discursivos, sejam eles um evento, um texto, uma sentença, enfim, mas sempre

com a possibilidade de múltiplos territórios de sentidos. Assim:

Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. E é nisto que se justifica o termo de disciplina de interpretação, empregado aqui a propósito das disciplinas que trabalham neste registro (PÊCHEUX, 2008, p. 55)

Em uma leitura mais afoita, pode-se pensar que essa questão da descrição/ interpretação, batimento que Pêcheux coloca como força-motriz dos trabalhos de análise do discurso nos acontecimentos e que nós aqui colocamos como tríade descrição/ compreensão/ interpretação, nos faz crer que essas mesmas interpretações sejam tais quais outrora pensou-se "obras abertas". Todavia, o próprio pensador francês chama atenção para o fato de que essa interpretação não deve ser um "não importa o que". E que de fato há, sim, uma questão-problema nas práticas de análise discursiva em determinar o momento próprio da interpretação e o momento próprio da descrição.

A isso, soluciona-se ao analista compreendendo que descrição dos objetos no acontecimento discursivo coloca em evidência o jogo próprio que os enunciados estão submetidos, possibilitando assim a compreensão de

lugares de furos, apagamentos, ressaltos, recalques, espaços de derivada dos sentidos, lugares vazios para encaixe de sentidos, processos históricos de significação de uma imagem, palavra etc.), para, disso, desse discurso-outro virtualmente presente na leitura da interpretação discursiva, se fazer a gestão dos processos históricos no discurso, tal qual pretende-se aqui ao estudar a narrativa dos acontecimentos biográficos e genealógico-discursivo dos discursos constituintes da ciência de estudos da linguagem brasileira do Século XIX até os anos 1940.

Com efeito, por mais debatida que pareça ser a questão e por mais que se queira deixá-la tranquila existe uma ampla complexidade quando a noção de *corpora* encontra-se com a de discurso e as metodologias que esta disciplina dispõe para trabalhar a questão. Por isso, também a trouxemos para debate envolta na questão dos objetos, na descrição e interpretação. Em nosso *corpora* de pesquisa, ao pensarmos em discurso como um repositório de um conjunto de textos, faz mais sentido uma linha discursiva à qual nos filiamos, que é a francesa, em que suas origens remontam às noções discursivas de Michel Foucault e Michel Pêcheux, principalmente.

Resultados y Discusión

Nos domínios epistemológicos, os estudos da ciência da linguagem brasileira

podem ser compreendidos, em termos de seus percursos históricos, biográficos, genealógicos e a partir da literatura disponível – como, por exemplo, A linguística brasileira, de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, de 1968, data esta da primeira edição, com sequência em A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988), de Cristina Altman, publicada em 1998 – sob a perspectiva de acontecimentos históricos e científicos que cobrem de períodos bastante específicos.

No caso de Mattoso Câmara, por um lado, as pesquisas que, no Brasil, lidavam com uma disciplina que ainda se principiava, abordam basicamente dos anos 1940 até fim dos anos 1960. Já os trabalhos de Cristina Altman, por outro lado, cobrem um período que vai do fim de 1960 até o fim de 1980. Com isso, é possível notar que esta literatura, embora de grande contribuição, pertinência, densidade teórica e relevância, trata de um contínuo historiográfico que vai de 1940 até o fim dos anos 1980. No entanto, há uma extensa e pertinente produção bibliográfica de estudiosos da linguagem brasileiros que cobrem, cronologicamente, do fim do Século XIX até anos 1940. Sendo assim, existe um hiato entre o que pesquisadores brasileiros da linguagem efetivamente produziram e o que está relatado nas literaturas histórico-biográficas de Mattoso e Altman, por exemplo. Para além disso, há também um hiato no que tange à pesquisa e à escrita

de biografias e genealogia discursiva desses sujeitos pesquisadores ao longo de quase cem anos de trabalhos, de maneira ora mais ou ora menos formais sobre fatos e acontecimentos linguísticos do Brasil.

É dessa forma que o presente projeto de extensão objetiva fazer um levantamento biográfico acerca dos principais estudiosos da linguagem brasileiros deste período, mas de forma que esses estudos sejam pesquisados, compilados e colocados em circulação, não somente para dar visibilidade a esses trabalhos, mas, sim, e sobretudo, para mostrar a importância dessas pesquisas para o desenvolvimento social do Brasil e para mostrar quem eram esses sujeitos pesquisadores a serem trazidos à luz em suas biografias e genealogia discursiva das suas teorias, sua importância pessoal e empírica ao que atualmente temos de conhecimento sobre nossa língua portuguesa no Brasil.

Não se pode dizer que os estudos linguísticos – inclusive com alguns dados biográficos relevantes – sejam exatamente inéditos. Como dissemos, há bons projetos de Cristina Altman e o próprio Mattoso Câmara, o primeiro linguista científico brasileiro, que criou diversas cadeiras e cursos de Linguística, além mesmo de ser um arauto dessa epistemologia da linguagem. Mas é justamente para esta sociedade que queremos trazer à luz as ideias dessas

personalidades-linguistas, que, há muito, fazem pelo campo dos estudos da linguagem no Brasil.

Ao passo que não podemos dizer da novidade dos estudos científicos de linguística no Brasil, podemos, entretanto, apresentar alguns períodos que se tornaram acontecimentos importantes, seja pelo volume e fluxo de trabalho com a linguagem, seja pela própria importância histórica que esses períodos obtiveram.

Assim sendo, poderíamos dividir em um momento "pré" linguístico, que se situa entre os Séculos XVI e XIX e no qual os trabalhos de descrição das línguas se concentra, sobretudo, em línguas indígenas (com base no modelo latino de referência), realizados pelos missionários europeus nos Séculos XVI, XVII e XIX. Por um lado, temos estudos, como o de José de Anchieta, em 1595, que, de uma perspectiva epistemológica, têm número e hierarquia das partes de que se compõem a gramática latina, base de sua referência, mas que em seus trabalhos é feita com mais liberdade em relação ao modelo de parâmetro. Esta gramática de Anchieta é desenvolvida em dezesseis capítulos. Inicia-se com um apanhado geral das letras, ortografia, pronúncia e acento, seguido da exposição das propriedades da morfologia dos nomes, dos pronomes e dos verbos, intercalada com uma enumeração das preposições. Já a gramática de Figueira (1621), que teria, entre outros, o mérito de ter ajustado a

gramática de Anchieta ao padrão latino de elaborar gramáticas e estudos linguísticos, já adotado pela Cia. de Jesus, segue, de fato, bem de perto, o modelo Prisciano, que, por sua vez, inspira-se no modelo aristotélico de análise dos discursos, em que se divide discursos em oito partes e lhes lança a escrutínio.

Prosseguimos a um galope do tempo e chegamos à figura de Domingos Borges, o visconde Pedra Branca. Talvez seja possível dizer – isto pode ser um objeto de estudo deste trabalho – que Domingos Borges tenha sido o primeiro pesquisador, com as ferramentas e saberes de sua época, a diferenciar a língua portuguesa brasileira e a língua portuguesa de Portugal, já no ano de 1826, em uma publicação francesa Atlas ethnographie du monde. Neste texto, Pedra Branca aponta diferenças dialetais e semânticas entre as duas variantes de português e o português falado aqui, no Brasil, já independente de Portugal – portanto, em muito fazia sentido criar uma identificação particular à língua da nação que se construía – é definida como uma língua suave e doce.

Depois desses dois períodos, em que há os primeiros contatos e estudos das línguas faladas pelos indígenas nativos, com intento de interação, catequese e, posteriormente, escravidão destes silvícolas, há um hiato de estudos, que se quebra basicamente com o estudo isolado de Domingos Borges, sendo

possível dizer que nos estudos de intento linguístico existe um outro momento: o gramatical. No entanto, este momento, que se passa entre o fim do Século XIX e início do XX, preocupa-se em adequar as normas linguísticas e tratar de colocar as mais tipicamente brasileiras às normas da língua portuguesa europeia. É nesta conjuntura que surge o nome de Mário Barreto, por exemplo – entre outros, como Alfredo Augusto Gomes, Maximino de Araújo Maciel, Manuel Pacheco Silva Junior, Eduardo Carlos Pereira, Ernesto Carneiro Ribeiro, João Ribeiro etc. –, que, com este gesto prescritivo, condenou a toda sorte de equívocos as normatizações brasileiras, refletindo em certas dificuldades ainda hoje encontradas em diversos ambientes, como o escolar, ao tentar se definir o certo e o errado em língua falada e escrita, em vez de o adequado ou não para as múltiplas conjunturas e situações sociais; buscou índices de erudição relacionados mais à ordem (morfofossintática) do português europeu em detrimento do português brasileiro (mesmo sendo línguas, como mostram inúmeras pesquisas, bastante distintas entre si, quase inconciliáveis); trazer um corolário literário como exemplos de bom uso e autoridade do bem escrever e, pior ainda, do bem falar, entre outros tantos problemas criados a partir dessa iniciativa postulante e normativista.

Mesmo que em história seja bastante complicado o uso do "se" ou mesmo o uso de anacronismos, é interessante notar que em Domingos Borges de Barros, dadas a conjuntura e as condições de produção de seu discurso, há uma necessidade de mostrarnos, enquanto falantes do português, em uma imagem discursiva de exaltação, diferenciação e peculiaridade em relação ao idioma da Metrópole, o que, tempos depois, não se verifica como preocupação dos estudos mais gramaticais, entre eles, o de Barreto, o que pode ser explicado pela turbulência dos períodos pós-Independência e mesmo o desinteresse em analisar como idioma peculiar o português brasileiro. Todavia, cabe-nos trazer à baila o como e o porquê de, à sua época, Barreto tomar-se de tal tarefa, ao mostrá-lo, como sujeito de sua quadra histórica, em uma biografia genealogia a ser explicitada e explicada.

Ao adentrarmos o Século XX, observamos, nas primeiras quatro décadas – período que compreende nosso intento investigativo, para este século –, um movimento de personagens-pesquisadores que buscavam trazer à tona estudos de linguagem que fossem inscritos em duas ordens de observação, principalmente: histórica e filológica. Portanto, é nestas duas balizas teóricas o lastro daquela época para a compreensão empírica de fenômenos linguageiros utilizando-se dos métodos diacrônico e

sincrônicos. É deste momento, por um lado, que surgem figuras como João Capistrano de Abreu, Manuel Said Ali, Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira, Sílvio Edmundo Elia, Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo e que, especificamente, seguiam uma orientação diacrônica no tratamento da língua portuguesa – as falas do presente não eram consideradas – para criar um rumo, linear, acerca das estruturas da língua portuguesa. Por outro lado, temos, nos entornos deste mesmo período, personagens que, com suas pesquisas, parecem escapar a uma classificação mais apressada. Trata-se de atores sociais como Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Nelson Rossi, Mario Marroquim, que seguiam uma orientação sincrônica da língua portuguesa, para obter um retrato dos caracteres gerais do(s) dialeto(s) brasileiro(s), em suas mais distintas regiões.

É deste período que surge uma das personagens-chave para a compreensão histórica dos estudos de linguagem no Brasil: o já citado Amadeu Amaral. A princípio, pode-se dizer que se trata de um linguista dialetologista que, mesmo à margem dos formalismos acadêmicos, mas à frente de seu tempo, fez pesquisas bastante profícuas e sistematizou um dos falares mais característicos do Brasil: o dialeto caipira. Suas pesquisas dizem, em linhas gerais, em defesa de suas teses, que o chamado

dialeto caipira estava bem sedimentado até o Século XIX, no território da antiga província de São Paulo. Era este dialeto bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível, e que dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência até outros grupos, inclusive os mais cultos, minoria da população da época.

No entanto, já àquela época, era possível notar que o estabelecimento de padrões cultos no ensino estavam afastando as características típicas desse dialeto caipira, algo que Amaral descreve bastante bem. Apesar de ter um bom trabalho linguístico, falta a Amaral uma biografia e uma genealogia discursiva de suas teorizações e que lhe façam justiça, ou seja, não somente quanto ao sujeito que identificou características do dialeto caipira paulista, mas uma biografia que lhe associe evidentemente à essa estruturação teórica e que o mostre em sua ampla importância para a sociedade brasileira de maneira geral.

Assim, é dessas bases teóricas, descritas anteriormente, e também da reunião, estudo e divulgação de dados biográficos e genealógicos, no sentido cronológico e no sentido discursivo, especificamente, faltantes às personagens históricas dantes arroladas, que construiremos nosso trabalho de pesquisa para trazer à luz os dados importantes dos biografados em torno dos fenômenos

históricos e sociais dos fatos languageiros do português do Brasil.

Além das justificativas epistemológicas, existem justificativas institucionais, como para a própria Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, por exemplo, a qual contará com um legado bastante importante, uma vez que a universidade possui cursos que trabalham a formação de professores e pesquisadores em diversas áreas com interesse associado à esta pesquisa, como educação, filosofia, teoria literária e a própria linguística, campo no qual nos inscrevemos. Especificamente, para o programa de Pós-Graduação em Linguística, o PPGL, da UFSCar, este projeto proporcionará o legado de uma linha de pesquisa, na qual outros pesquisadores, posteriormente, poderão perscrutar o vasto campo da constituição dos estudos sobre a língua portuguesa no Brasil, por meio de nomes e trabalhos de pesquisa de pensadores brasileiros que, atualmente, são, muitas vezes, desconhecidos nas academias e círculos de estudos de brasilidades e, mais ainda, dos próprios brasileiros.

Poderemos, a partir deste projeto, formar um grande acervo dedicado especificamente à biografia e à genealogia teórico-discursiva de pessoas que em épocas antigas desbravaram e se debruçaram a pesquisar fenômenos peculiares à nossa cultura linguística e, por que não, social e antropológica. Este

acervo poderia ser ampliado com outras pesquisas, mas também poderia estar disponível ao público de todas as esferas sociais, constituindo-se em uma espécie de "museu", fixo ou itinerante, físico ou virtual, a retratar a empreita teórica no que tange à língua portuguesa. Além disso, esta pesquisa pode trazer uma contribuição para a "árvore" genealógica da ciência brasileira, para a linguística no Brasil, formando uma base de dados de rastreamento biográfico-teórico e genealógico, constituindo e refletindo a importância dos nomes na formação e gerações de pesquisadores brasileiros.

Para se consolidar os *corpora* de uma pesquisa, pela base textual, podemos constituir-los de um texto, de um conjunto de textos, de trechos de textos, enfim, mas não podemos deixar de fora uma questão central, que é fazer a diferença entre texto e *corpus*. O texto como "produto" de um processo discursivo, em que as partes deste texto como nosso *corpus*, desde que estejamos atentos a alçá-los a uma condição de apreensão discursiva, e não somente a uma tradição mais filológica de apreensão. Com isso:

Os analistas do discurso não estudam obras; eles constituem *corpora*, eles reúnem os materiais que julgam necessários para responder a esse ou àquele questionamento explícito, em função das restrições impostas pelos métodos aos quais recorrem. Desse modo, analistas do discurso se afastam

do modelo da leitura empática, do "contato vivo" com um texto concreto, que seria rico de um sentido inesgotável. (MAINGUENEAU, 2015, p. 40)

Assim o sendo, a princípio, separamos esses *corpora*, com os quais iniciamos o percurso de reflexões teóricas e analíticas e denominamos *Corpus-1*. De outra forma, o que desejamos com essa operacionalização é – e a AD nos fornece tais subsídios – a decomposição textual, para abrir a possibilidade de apreender as marcas da história material nos discursos. Esse movimento se coaduna às premissas epistemológicas e metodológicas da Análise do Discurso, desde suas primeiras formulações como disciplina de um dado domínio teórico. Logo:

seu procedimento é o de uma espécie de psicanálise do discurso animado por um projeto marxista, cujo alcance é simultaneamente político e epistemológico: procedendo a uma análise – leia-se "decomposição" – dos textos, procura-se revelar a ideologia que eles estão destinados a dissimular. (MAINGUENEAU, 2015, p. 19)

Como vemos pela citação, a Análise do Discurso flerta com a decomposição textual por vias do materialismo histórico. Entretanto, essa decomposição não é, em nosso caso, para achar o inconsciente do texto, mas o que é consciente, o exposto, o visto, mas o visto, exposto, iluminado, a partir de um

empreendimento textual, ou, ainda, um "como" se faz um texto e não apenas "o quê" ele dá a mostrar. Em última análise, o texto como um dispositivo, mas um dispositivo de enunciação.

É assim que, a título de exemplo, em nosso Corpus-1, o *Dialeto Caipira*, 1920, de Amadeu Amaral, é possível encontrar um estudo de um dialeto bem pronunciado no território da antiga província de São Paulo. Um falar caipira – característico e fácil de ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível – que dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à própria minoria culta. Na obra, Amaral chega a fazer compreensões sobre O "R" caipira, com o fonema /r/, em fim de sílaba ou em posição intervocálica, que assume as características formas aproximante alveolar [ɹ], retroflexo [ɻ]. O rotacização do "L", na qual a permutação, em fim de sílaba, da aproximante lateral [l] pelo fonema /r/ (mil > mir, enxoval > enxovar, claro > craro etc.), embora seja um traço não exclusivo do dialeto caipira, se faz presente de forma gradual ao longo de todo o país, sendo menos comum na linguagem culta.

O estudo de Amaral se concentra no processo dialetal, sobretudo observando condições do meio que fizeram série de abalos nesse dialeto na cidade de São Paulo, o que, a seu tempo, esse falar paulista reinava sem contraste

sensível, em um *caipirismo* que não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da vida cotidiana.

Em um certo declínio, Amaral aponta o que aparentemente foram causas desse desuso e migração do caipirismo, como a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, afastando da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores dialetais.

Os genuínos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos" (AMARAL, 1920, p. 1). Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social. Hoje, ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de

outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições. (AMARAL, 1920, p. 1-2).

Em nossa compreensão de narrativa do acontecimento, interessa-nos saber, do ponto de vista histórico, biográfico e genealógico científico, o porquê e como esses estudos não entraram nos primeiros círculos de conhecimento de linguagem, assim como nos dados de formação básica escolar, uma vez que, embora de forma não tão precisa – a pensar em uma teoria mais moderna de sociolinguística e análise da conversação –, esses estudos e a própria figura do ator social Amaral "perderam" a batalha dos sentidos e o "fazer trabalhar" na narrativa do acontecimento sobre os saberes da cultura linguística do caipirismo, dando-se muito mais prestígio não somente aos estudos estilísticos das formas mais cultas, mas também a outros personagens com menos acuidade em seus estudos.

Conclusiones

Com o aporte teórico que procuramos expor neste texto, então, pretendemos, por meio desta pesquisa histórico-biográfica e genealógico-discursiva, pensar na formação de um projeto de extensão que ajude a entender a construção de conjunto de informações que preencham e cubram narrativas nos entornos de personagens de suma importância para constituição do saber

linguístico da língua portuguesa no Brasil, bem como da própria identidade cultural de nossa brasilidade, algo que os estudos por ora compilados deixam descobertos por, em muitos aspectos, deixarem biografias e biografados como algo secundário ao processo de compreensão dos estudos de linguagem, sobretudo os arquivos e as personagens que se empenharam nesse ramo de saber da linguagem do fim do Século XIX até os anos 40 do Século XX.

Bibliografía

ACHARD, P. et al. Papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ALTMAN, C. A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

AMARAL, A. O dialeto caipira. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7381>. Acesso em: 21 mar. 2018.

BARONAS, R. L. Estudos discursivos à brasileira: uma introdução. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015. v. 01.

COURTINE, J-J. O Chapéu de Clémentis. In: Os múltiplos territórios da Análise de Discurso. F. Indursky e M. C. Leandro Ferreira (Orgs.). Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

_____. O discurso inatingível: marxismo e linguística (1965-1985). Trad. Heloisa

Monteiro Rosário. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 6, 1999.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUILHAUMOU, J. Linguística e história. São Carlos, SP: 2009.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

VÉRON, E. (Org.). El discurso político, lenguajes y acontecimientos. Buenos Aires, Hachette, 1987.

ZOPPI-FONTANA, M. C. Cidadãos modernos: discurso e representação política. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

Agradecimientos

Agradecemos o apoio da SRInter – UFSCar para a realização deste trabalho.

Financiamiento

Este trabalho foi feito com base na pesquisa de doutorado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp (Processo Fapesp n. 2018/ 05275-1)